



VIDERE

V. 14, N. 30, MAI-AGO. 2022

ISSN: 2177-7837

Recebido: 14/05/2022.

Aprovado: 16/06/2022.

Páginas: 249-268.

DOI: 10.30612/videre.

v14i30.16402

*

Mestranda em Direito
e Desenvolvimento
Sustentável (Unifacvest)
Centro Universitário
Unifacvest

renatamarafon27@gmail.com

OrcidID: 0000-0001-9177-3663

**

Pós-Doutora em Direito das
Cidades (UERJ)

Doutora em Direito (UVA)
e Mestra em Agronegócios
(UFGD)

Centro de Ciências Jurídicas
da Universidade Federal de
Roraima

privascon@gmail.com

OrcidID: 0000-0001-8747-9920



IRRESOLUÇÃO DO CONTESTADO DO CONFLITO DE TERRAS À VIOLAÇÃO DA DIGNIDADE CULTURAL E AMBIENTAL DO CABOCLO

IRRESOLUTION OF THE CONTESTADO
FROM THE LAND CONFLICT TO THE
VIOLATION OF THE CABOCLO'S CULTURAL
AND ENVIRONMENTAL DIGNITY

IRRESOLUCIÓN DEL CONTESTADO
DEL CONFLICTO POR LA TIERRA A LA
VIOLACIÓN A LA DIGNIDAD CULTURAL Y
AMBIENTAL DE CABOCLO

RENATA MARAFON*

PRISCILA ELISE ALVES VASCONCELOS*

RESUMO

No cenário de guerra, geralmente se conhece o lado dos vencedores e no caso da Guerra do Contestado não foi diferente. Por anos, o governo havia enfrentado uma tropa de fanáticos rebeldes, mas passados cem anos, é importante, com outros olhos vislumbrar o lado de um povo que foi trucidado em nome do progresso por meio da instalação de uma estrada de ferro e a expulsão de simples posseiros. Nesse contexto, como o conflito foi resolvido? De que forma ele influencia até hoje a comunidade local? Através da pesquisa bibliográfica e do método dedutivo, este estudo tem como objetivo geral mostrar como os resultados deste conflito perduram até hoje, na miserabilidade da região e falta de investimentos públicos, e como objetivos específicos analisar a figura do caboclo; conhecer o momento histórico que desencadeou a Guerra do Contestado e alguns índices que mostram as dificuldades econômicas da região.

Palavras-chave: Contestado; caboclo; miséria; dignidade; vulnerabilidade.

ABSTRACT

In the war scene, we used to know the side of the winners and in the case of the Contestado War it was no different. For years, the government had faced a troop of rebel fanatics, but after a hundred years, it is important, look to other eyes to the side of people who were slaughtered in the name of progress through the installation of a railroad and the expulsion of simple squatters. In this context, how was the conflict resolved? How does it influence the local community until nowadays? Through bibliographical research and the deductive method, this study aims to show how the results

of this conflict persist until now, in the region's poverty and lack of public investments, and as specific objectives to analyze the character of the caboclo; knowing the historical moment that triggered the Contested War and present some indexes that show the economic difficulties in the region.

Keywords: Contestado; Caboclo; misery; dignity; vulnerability.

RESUMEN

En el escenario de la guerra, el bando ganador es generalmente conocido y en el caso de la Guerra del Contestado no fue diferente. Durante años, el gobierno se había enfrentado a un grupo de fanáticos rebeldes, pero después de cien años, es importante, con otros ojos, vislumbrar el lado de un pueblo que fue masacrado en nombre del progreso mediante la instalación de un ferrocarril y la expulsión de simples okupas. En este contexto, ¿cómo se resolvió el conflicto? ¿Cómo influye todavía hoy en la comunidad local? A través de la investigación bibliográfica y el método deductivo, este estudio tiene como objetivo general mostrar cómo perduran los resultados de este conflicto hasta el día de hoy, en la miseria de la región y la falta de inversiones públicas, y como objetivos específicos analizar la figura del caboclo; conoce el momento histórico que desencadenó la Guerra del Contestado y algunos índices que muestran las dificultades económicas de la región.

Palabras clave: impugnado; caboclo; miseria; dignidad; vulnerabilidad.

1 INTRODUÇÃO

Um grupo marginalizado da sociedade catarinense do início do século XX vivendo em harmonia com a natureza, somente extraindo dela o necessário para viver em um local até então pouco habitado. Em território alvo de disputa de limites entre dois estados, este grupo passou a ser expulso de seus lares para que o desenvolvimento prometido chegasse a região com a instalação de uma estrada de ferro; e a utilização dessas mesmas terras à margem da ferrovia por colonos que as adquiriram da mesma empresa responsável pela obra.

O sentimento de revolta não poderia resultar noutra coisa, senão um conflito que ficou conhecido como Guerra do Contestado. Para quem não vive na região, dificilmente terá ouvido falar, até mesmo residindo no mesmo estado, quem dirá no país, mas que culminou com a morte de aproximadamente dez mil pessoas, e em sua grande parte, da mais frágil, os caboclos.

Indaga-se a forma pelo qual houve a solução do conflito e se até os dias atuais – 100 anos aproximadamente – há reflexos na comunidade local.

É importante conhecer o contexto em que se deu o conflito, entender como a religiosidade se tornou o único alicerce desse povo marginalizado e entender como causa dificuldades até os dias atuais na região, resultando, inclusive, em tentativas de se apagar essa parte da história por parte dos governos locais.

Através da pesquisa bibliográfica e do método dedutivo, este estudo tem como objetivo geral mostrar como os resultados deste conflito perduram até hoje, na miserabilidade da região e falta de investimentos públicos, e como objetivos específicos analisar a figura do caboclo; conhecer o momento histórico que desencadeou a Guerra do Contestado e apresentar alguns índices que mostram as dificuldades econômicas da região.

2 QUEM É O CABOCLO?

Quando se pensa em Santa Catarina, a primeira cidade a ser lembrada é Florianópolis, capital do estado com belíssimas praias; a Oktoberfest sediada em Blumenau, sendo a segunda maior do mundo- perdendo apenas para Munique -, com pessoas loiras, frio, chopp e suínos (o estado é um forte pólo da suinocultura no Brasil)

Algumas pessoas até lembram da cidade de Chapecó no oeste, em decorrência do time de futebol que passou por uma tragédia em 2016, mas eis que se apresenta o meio-oeste e o planalto norte na Figura 1:



FIGURA 1 - Mapa do estado de Santa Catarina, dividido por regiões.

Fonte: TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA DIRETORIA DE ATIVIDADES ESPECIAIS PROCESSO N°: RLA-16/00076316 UNIDADE GESTORA (2017) <https://www.tcesc.tc.br/sites/default/files/Relat%C3%B3rio%20Samu%20Navegantes%20com%20Decis%C3%A3o.docx.pdf>

Na região destacada no mapa do estado de Santa Catarina, houve a colonização italiana e alemã, ocorrida às margens da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Essa população que ali já residia era conhecida como caboclo, a qual remanesce na região apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas.

Segundo o dicionário Michaelis:

caboclo

ca·bo·clo

sm

1 ANT Indígena brasileiro, considerado selvagem, que mantinha contato com os colonizadores.

2 Indivíduo mestiço, filho de branco com indígena; cariboca, curiboca.

3 Mestiço de negro com indígena; caburé, cafuzo: “[...] as crianças abandona-

das da cidade o chefe era Raimundo, o Caboclo, mulato avermelhado e forte” (JA).

4 Indivíduo do sertão, moreno de pele acobreada e cabelos lisos: “[...] forma cada vez mais diluída do negro, e caboclo, em que se apagam, mais depressa ainda, os traços característicos do aborígine” (SER).

5 Indivíduo simples do sertão, geralmente retraído e desconfiado.

6 Pessoa da zona rural com pouca instrução e modos rústicos; caipira, matuto.

7 REL Denominação genérica dos espíritos de ancestrais indígenas nos cultos afro-brasileiros.

8 REG (RJ, SP) Dança semelhante ao fandango, porém de ritmo mais acelerado.

9 FOLC Dançador que participa de certas danças populares, representando o personagem do caboclo.

10 ZOO Vmarimbondo-caboclo.

11 ZOO Vborboleta-listrada.

12 Nos garimpos, qualquer fragmento de rocha que, por conter óxido de ferro, apresenta coloração acobreada.

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES DIM: caboclinho, caboclote.

Schüller (2000), comparando o homem do Contestado e o gaúcho dos pampas, afirma que apesar de ambos terem a mesma origem etimológica, sofreram diferentes influências do meio em que viviam já que enquanto o gaúcho anda pelas coxilhas, campos quase desertos, o caboclo do Contestado foi criado em meio as florestas de araucárias; enquanto o primeiro tem o Universo como senhor, o caboclo tem a Confraria do Messianismo. O que ambos têm em comum é o desprezo pela extrema riqueza e simpatia pela igualdade, como uma irmandade. Para Fraga (2015) citando Martorano, o homem do Contestado é:

[...] mescla de muitos grupos humanos, de diferentes origens. Pode-se dizer ainda que a diferenciação entre o serrano do campo (ligado à pecuária) e o do mato (ligado ao extrativismo), até hoje não está estudada, sequer esboçada” [...] São descendentes dos tropeiros, de refugiados “farroupilhas” de 1835-1945, de “federalistas” de 1892-1894; são enfim, os mateiros, “gente do mato”, mais ligados à lavoura ou à criação de suínos. Pouca pecuária. Pinheirais fechados engordavam com pinhão silvestre os porcos no inverno. No verão outros frutos alimentavam as “criadeiras”. Cultivavam a moranga e a abóbora. Alimentavam-se à base de milho. Dos monjolos tiravam a farinha, a quirera e o cuscuz. Poucas ervateiras. Ranchos de pinho em paus roliços e ranchões. Cozinha de fogo no chão sem trempes de ferro. Esses homens não tiveram professores, e muito menos escolas; não tinham médicos e utilizavam a medicina caseira; a religião era tradicional (principalmente pautada no catolicismo rústico do interior do Brasil) e avoenga, pois os padres não apareciam, ou muito raramente o faziam naqueles sertões. (p. 6)

Lazarin (2005) mencionando Orlandi, ressalta que tem-se por hábito reconhecer apenas o cultural e apagar o histórico, o político, sendo essa uma premissa do discurso colonial. Os efeitos remanescem até os dias atuais, submetendo essas populações ao espírito de colônia, já que são reduzidos apenas ao sentido cultural, não dando direito de serem outra coisa.

Em suma, os caboclos, ou sertanejos, resultado do cruzamento de índios, negros e europeus eram vistos como boçais, supersticiosos, ignorantes, e vagabundos, jamais como trabalhadores que abriram clareiras, fertilizavam o solo e coletavam erva-mate, muito menos se fala que contribuíram para a acumulação de riquezas por coronéis da região, sendo mal vistos quando somente exigiram para si um pedaço de terra para viver, sendo automaticamente tachados de fanáticos ou bandidos. (HELLER, 2012)

Veja-se o que diz Thomé (2012) sobre o homem do Contestado:

Na primeira década do Século XX, nas menções ao homem residente no Espaço Livre do Contestado pelos cronistas do Exército nacional e das polícias militares estaduais, pela imprensa brasileira, principalmente a paranaense e a catarinense, lia-se que no Território Contestado, no Planalto Catarinense, “existiam milhares de pobres caboclos”, na grande maioria “fugitivos, foragidos, bandoleiros, pistoleiros, malfeitores, fanáticos, jagunços, bandidos” (tais termos não são nossos), que levantaram seus facões e espingardas na Guerra do Contestado (1913-1916). Ninguém se referia a esta “gente” como se fossem simples moradores, campesinos, sertanejos, tropeiros, ervateiros, peões e outras denominações não pejorativas. (p. 8)

SERPA (2015), afirma que os caboclos que habitavam a região eram tidos como uma população pobre que descendia de portugueses oriundos de São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e ainda, de escravos afro-brasileiros. Não se pode deixar de lado a importância dos indígenas da região, os Xokleng e descendentes, que deixaram marcas de uma herança “mágico ritual” que persiste na região.



Famílias de sertanejos (sentados) se rendem às forças oficiais

Claro Jansson/Acervo Dorothy Jansson Moretti

FIGURA 2 - Sertanejos ou caboclos, população que residia no local do conflito.

Fonte: Senado (2016). <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>

Percebe-se que fora da região do conflito, muito pouco se ouviu falar dessa população, em que pese a utilização dos seus costumes até a atualidade. Os mais jovens só ouvem falar do conflito em sala de aula, mas na rotina familiar, a região abriga costumes como chás, rezas e lendas, todas oriundas desta parte esquecida da história.

3 O QUE FOI A GUERRA DO CONTESTADO?

Em outubro de 1912, no sul do Brasil, teve início um conflito local em território catarinense que se converteu em um dos maiores conflitos do país, marcado por uma “insurreição popular de amplas repercussões”, conhecida como Guerra do Contestado, que envolveu interesses políticos regionais e nacionais, com uso de força do Exército e das Forças de Segurança do Paraná e de Santa Catarina, o qual perdurou até 1916. (SALOMÃO, 2018, p. 1)

Para maior entendimento do contexto, importante analisar o que ocorria à época. O país passava por um processo de industrialização e integração entre os estados brasileiros. Dessa forma, uma faixa de terra de 30 quilômetros de largura foi desapropriada para que fosse iniciada a construção de uma estrada de ferro que ligaria o sul ao sudeste. Esta área abrigava diversos posseiros que foram retirados dali para a execução da obra, bem como outros pequenos fazendeiros que viviam de extração de madeira. (ROSA, 2019)

Para piorar a situação, a Brazil Railway Company, responsável pela construção da ferrovia, possuía autorização para retirar e exportar a madeira da região e vender as terras a colonos imigrantes. Assim, uma companhia subsidiária, a Southern Brazil Lumber and Colonization Company, criou na região o “maior complexo madeireiro e colonizador da América Latina” (AMADOR, 2009, p. 501).

Logo, em decorrência da Lei de Terra nº 601 de 18 de setembro de 1851, milhares de caboclos foram expulsos das terras das quais não tinham o título de propriedade e passaram a viver em redutos ou acampamentos, sob a liderança de uma figura religiosa chamada Monge José Maria:

O messianismo presente no Contestado é facilmente explicável quando se leva em consideração a situação dos excluídos. Sem condições militares, materiais e culturais para vencer os inimigos, recorrem ao sobrenatural, ao poder de uma força divina que no mínimo os colocasse em condições de igualdade numa guerra que se configurava como inevitável (AMADOR, 2009, p. 503)

De acordo com Woitowicz (2015), se a história fosse contada pela parte vencida, o dia 22 de outubro poderia ser considerado até mesmo uma data cívica no Brasil, pois neste dia, morria José Maria, símbolo do conflito do Contestado, no combate de Irani, onde oficialmente teve início a guerra:

O Contestado foi uma importante iniciativa popular de caráter religioso, associada à reivindicação do direito à terra. Em quase cem anos de construção histórica, a Guerra do Contestado – conflito social, político e messiânico que marcou a história dos estados do Paraná e de Santa Catarina no período de 1912 a 1916, conhecido como o primeiro movimento armado pela posse de terra – já apareceu das mais variadas formas e ângulos: movimento messiânico, campanha militar, levante monarquista, conflito social dos trabalhadores, disputa política entre os dois estados em questão, luta pela terra e contra o capital estrangeiro, só para listar as principais. Mas o movimento foi provocado por diversos fatores, envolvendo cerca de 20 mil sertanejos. Uma luta polarizada entre universos e pretensões completamente diferentes, que se chocam e são, ainda hoje, incompreendidos. (p. 2)

A figura de José Maria de Santo Agostinho, foi um curandeiro e guia religioso que peregrinava pela região e que se preocupava com a situação da população local, resolvendo criar uma comunidade que seria regida pelas leis de Deus e todos teriam terras para trabalhar. Assim, foi criada a comunidade de Quadro Santo, ou Taquaruçu, onde José Maria fazia curas, utilizava de conhecimentos medicinais e até mesmo criou uma espécie de farmácia popular que abrigou diversos camponeses sem-terra após a construção da ferrovia. A comunidade começou a desagradar coronéis da região e os poderes local e federal e por esse motivo o monge José Maria foi, então, considerado um inimigo da república por desestruturar a região e assim teve início a Guerra do Contestado. (ROSA, 2019)

Serpa (1999) relata que o conflito foi um dos mais importantes movimentos sociais ocorridos no Brasil, tendo sua importância por ser uma luta com diversos fatores: luta por posse, por terra, por valores culturais, religiosidade, sobrevivência e contra valores capitalistas no campo:

A Guerra do Contestado se tornou um acontecimento ao qual os historiadores, sociólogos, antropólogos e geógrafos atribuem sentidos diferenciados. Para uns, a guerra aconteceu em virtude de questões de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina, aliando-se ao fanatismo dos moradores do local. Para outros, a guerra é expressão de múltiplos fatores, dentro os quais se destacam a penetração das relações capitalistas no campo, havendo com isso expulsão dos moradores da terra, introdução de novas relações sociais que rompiam com as relações de compadrio e que provocaram mudanças nas práticas religiosas imprimidas pela igreja católica, através dos franciscanos. Outras abordagens atribuem enorme valor aos aspectos culturais dos caboclos que passaram a ser vistos pela sociedade moderna como obsoletos, retrógrados, arcaicos e rústicos. Formas diferentes de viver se antagonizavam e então lutavam para fazer valer seus interesses. (SERPA 1999, p. 11-12)

À época, o embate político em torno da região do Planalto Norte de Santa Catarina era a cobiça pela área entre Paraná e Santa Catarina, pois a região era rica em erva-mate nativa e coberta de pinheiros, considerada madeira nobre, daí o nome Contestado, em virtude das terras “contestadas” (LIMA e TONON, 2016)

Somando-se a isso, houve o impacto da modernidade trazido pela exploração madeireira por empresas estrangeiras, a imigração europeia, a construção da estra-

da de ferro, a questão de posse de terras e das relações de poder dos coronéis locais. (LIMA e TONON, 2016).

Com a morte de José Maria em Irani, os sertanejos se valeram de outras figuras místicas para a continuidade do levante. Assim, surgiam as figuras das “virgens” as quais alegavam a capacidade de receber ordens mediúnicas de José Maria e levar aos demais. A mais famosa foi Maria Rosa, a qual afirmava receber ordens diretas do monge, comandando as tropas dos redutos para combater as forças da República (SILVA, 2010).

Nas palavras de Lima e Tonon (2016, p. 182), em seus 4 anos de duração (1912-1916), o conflito envolveu uma área de 25 mil a 48 mil quilômetros quadrados, um efetivo militar de 8 mil homens somados à participação de mil “vaqueanos”, pessoas contratadas para trabalhar em prol do governo no combate aos caboclos, podendo-se dizer, mercenários. Os sertanejos chegaram a somar em torno de 10 mil homens, distribuídos em redutos.



FIGURA 3 - Rota da estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

Fonte: Senado (2016) <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado>

Muitas mortes e feridos, miséria, fome, falta de políticas públicas, cobiça e ambição, são as palavras que resumem o conflito que não pode ser classificado como uma “política de extermínio” da população que atrapalhava os avanços imperialistas do governo e das serrarias que somente intencionavam lucrar e “branquear” a região.

4 DOS CONFLITOS AMBIENTAL, SOCIAL E AGRÁRIO NA REGIÃO

Com a colonização da região, era necessário retirar os posseiros do local para que dessem lugar ao “proprietário legal” das terras.

Pinheiro (2001), exalta que a expulsão geralmente ocorria à revelia da justiça e de órgãos do estado, sendo assim, resolvidas no âmbito privado e com o uso da força. Curiosamente, cita um Livro de Atas e Registros do Cartório de Curitibaanos, que continha uma “escritura particular de desistência” datada de 1883, a qual sequer menciona indenização por benfeitorias realizadas no terreno pelos posseiros, fato que hoje seria assegurado pelo Direito Civil, bem como a enfatiza a ausência dos mesmos na audiência de conciliação, tendo sido esta posteriormente suprida por este documento apresentado pelo interessado com terceiros assinando em lugar dos posseiros, como seus representantes, sequer tendo sido feito perante um titular de cartório da época, sugerindo uma “legitimação formada da expulsão de sitiantes por um “posseiro ausenteísta”, Francisco Zeferino, irmão do seu procurador Estácio” (p. 66):

Lançamento de uma escritura particular de desistência que me deu para lançar Estácio Borges da Silva Mattos, cujo teor é o seguinte: Declaramos nós abaixo assinados - Manoel Pires Cordeiro e minha mulher Ana Maria Alves, que tendo construído uma pequena casa onde temos residido, perto desta morada comprado umas capoeiras à José Maria Leite Prado, fomos chamados a juízo conciliatório nesta Vila por Francisco Zefferino de Mattos e sua mulher, para abrimos mão destas terras onde temos nossa casa, porque pertence a posse a eles e outros, e não a capoeira comprada por nós; a cuja conciliação não comparecemos e como hoje estamos informados e bem certo do direito do mesmo senhor Mattos e sua mulher e outros, aos terrenos onde temos nossa casa por fazer parte dos que eles têm sua posse, mansa, pacífica, habitada há muitos anos, desistimos por isso desses terrenos por reconhecermos ser deles e prometemos numa mais os perturbar, por nós e nossos herdeiros [...] (p. 65)

Em um somatório, além da agressão cometida contra os caboclos da região, houve a imposição de valores alheios ao seu modo de vida, a imposição capitalista com a transformação da terra em bem de produção, e ainda, a instituição da propriedade privada em lugar da posse ou ocupação simples (AMADOR, 2009):

A lógica da apropriação não só causa estranhamento, mas soa também como uma agressão ao caboclo, que se revolta principalmente ao ver as terras que habitava serem vendidas pelas companhias colonizadoras a colonos imigrantes. O caboclo, além do fato de passar a ser tratado como intruso, é estigmatizado pelo colonizador, e seus hábitos e tradições são desrespeitados. Estes fatores, aliados a um movimento messiânico de crença na ressurreição e na instauração de um reinado de paz, justiça e fraternidade, formaram os principais ingredientes para a eclosão da Guerra do Contestado. (AURA apud AMADOR, 2009, p. 502)

Machado (2017) elenca fatores além dos posseiros com relação ao interesse pelo local: a densa mata de araucária, preservadas graças a população que valorizava o pinhão e tinha outra mentalidade diante da exploração da floresta: “A agressividade de

muitos sujeitos ligados a Lumber perpassou a guerra, as batalhas e foi para a floresta, o modo como a araucária foi também praticamente exterminada é semelhante ao que sucedeu ao caboclo, a mesma ferocidade” (p. 169). Ou seja, a guerra do Contestado foi também, nessa problemática, um conflito ambiental, que pode ser acrescentado à dívida social e histórica dessas empresas e do Estado para com a região que enfrenta dificuldades até hoje.

Uma parte dos derrotados na guerra, deslocou-se pela serra Geral e se estabeleceu na Serra do Mirador, atual Ibirama, fixando-se em terras indígenas, assentando-se aí. Esses derrotados eram chamados de cafuzos, descendentes dos caboclos. (MARTINS, 1991)

Nunes (2017), mencionando Alier, ensina que o conflito ambiental na região do Contestado aparece de maneira mais explícita no caráter distributivo, já que uma das razões da guerra foi a desigual distribuição no acesso aos benefícios oriundos dos recursos naturais e aos serviços “proporcionados pelo ambiente como um sistema de suporte da vida” (p. 80).

Foi um conflito ocorrido pela luta de recursos e de modos diversos de acesso à natureza e a forma de se relacionar com ela, que violou aspectos ambientais, sociais e culturais de uma comunidade preexistente ao colono europeu, que teve sua dignidade deturpada, maltratada, excluída, quase extinta, tal qual a araucária que tanto deu lucro às madeireiras.

Menos conhecida, mas nem por isso menos relevante, era a problemática agrária em função da documentação das propriedades. A indefinição dos limites territoriais entre Santa Catarina e Paraná, a terra “contestada” era alvo de inúmeras divergências.

MACHADO (2016), narra sobre um senhor chamado Aleixo tinha divergências de terras com a Lumber, alegando que os milhares de hectares de terra na região de Três Barras eram seus, mas que a família Pacheco tinha registro desses imóveis em cartórios do Paraná e haviam vendido para a Lumber. Assim como inúmeros outros casos, vários imóveis tinham registro no Paraná, mas eram habitados por posseiros catarinenses e também paranaenses. A situação era mais grave nos campos de Palmas, vales do Rio Timbó e Paciência, saliência de Itaiópolis, Papanduva e Três Barras. Cita ainda os Coronéis Amazonas Marcondes, Juca Pimpão, Artur de Paula, Fabrício Vieira, Leocádio Pacheco, Benvindo Pacheco e Bley Neto como principais beneficiários deste tipo “especial de grilagem” e ainda foram os que ofereceram a maior quantidade de “vaqueanos” para combater os rebeldes.

5 SITUAÇÃO DO CONTESTADO NA ATUALIDADE

A região atualmente tem fortes sinais do capitalismo madeireiro, o que acaba por gerar um alto índice de pobreza, já que a região que antes era farta em araucária, agora tem predominância das plantações de *pinus* explorada pela indústria madeireira a qual concentra a posse das terras e a degradação ambiental. A estrada de ferro foi desativada totalmente em 1998, e os caboclos sem teto ocuparam as estações e casas abandonadas da ferrovia. (PAGANI, 2017)

Conforme Ludka, Pereira e Pereira (2017), em que pese a região ter sido alvo de disputa entre dois dos estados mais ricos do país, a realidade não é refletida neste pedaço de chão, que mais de 100 anos após o conflito ainda sofre em virtude dele: “[...] Região do Contestado, hoje é uma das regiões mais pobres do país, ou seja, uma ilha de pobreza em meio a um mar de desenvolvimento” (2017, p. 13):

As questões socioeconômicas da Região do Contestado são tão complexas que, em 27 de fevereiro de 2000, o Jornal Gazeta do Povo publicou, na página 13, uma reportagem de Victor Folquening, intitulada “Cidades do Norte Catarinense querem ser anexadas ao Paraná”; as queixas são voltadas à distância da capital catarinense Florianópolis e ao descontentamento com a situação econômica e política da Região, em que na época, a Região foi alcunhada de Corredor da Fome. (LUDKA, PEREIRA E PEREIRA, 2017, p. 14)

Os autores supra ainda frisam que como divisão político-administrativa, englobaram esses municípios mais pobres do norte acompanhados de Joinville e Jaraguá do Sul como forma mascarar dados reais sobre as condições socioeconômicas regionais, visando manter o estereótipo de que Santa Catarina é um estado desenvolvido. (LUDKA, PEREIRA E PEREIRA, 2017). Nesse sentido:

A região do Contestado é um Nordeste Brasileiro encravado numa Europa. As cidades onde ocorreram os mais dramáticos combates entre militares e caboclos apresentam índices de desenvolvimento semelhantes aos dos grotons nordestinos. Dos sete mil moradores de Timbó Grande, município em que ocorreu a batalha final de Santa Maria, 44,2% são pobres ou indigentes. Em Calmon, cidade de três mil habitantes, o percentual é ainda maior, 46,8%. Na capital, Florianópolis, o número de pessoas pobres e indigentes é de 7,9% (NOSSA; JÚNIOR, p. 1, 2012).

Para comprovar essas informações, utilizamos os dados do índice da pobreza publicados na página Cidades do IBGE (FIGURA 4):



FIGURA 4 – Índice de pobreza em Santa Catarina.

Fonte: Santa Catarina | Sul Brasil | Pesquisa | Mapa de pobreza e desigualdade <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sul-brasil/pesquisa/36/30246?tipo=ranking>

Notadamente, os municípios da região do Contestado ganharam destaque.

Cordeiro (2020), em análise de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua trimestral realizada pelo IBGE, enfatiza que no primeiro trimestre de 2019, Santa Catarina teve uma taxa de desocupação de apenas 7,2%. Em relação à população ocupada, o estado apresenta índices de 76,7% de pessoas em postos formais de trabalho, segundo dados do IBGE – PNAD 2017. Já, quando remetemos os olhos para a região do Contestado, a situação muda. O índice de ocupação em Lebon Régis era apenas 12,4% e em Bela Vista do Toldo, apenas 9,1%.

Sobre o IDH, é notável a disparidade entre municípios dentro da mesma região:

No estado, os municípios de Cerro Negro (IDH 0,621), Calmon (IDH 0,622) e Vargem (0,629), apresentam os menores índices. Os três compõem a região estudada, apesar de alguns municípios da mesma região terem IDH bem alto, como é o caso de Joaçaba, com índice de 0,827, o mais alto de SC para cidades de pequeno e médio porte. O que chama realmente a nossa atenção é a concentração de municípios com IDH abaixo de 0,682 em um ponto específico do mapa. As cidades de Matos Costa, Calmon, Lebon Régis, Timbó Grande e Bela Vista do Toldo formam uma grande porção do território cujo IDH é mais baixo que outras regiões. Nessas cidades, a média salarial de trabalho formal é igual ou menor que dois salários mínimos (IBGE, 2017). (CORDEIRO, 2020, p. 51)

Versando sobre o percentual de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, com dados de 2019 do Ministério da Cidadania, veja-se a discrepância entre alguns (CORDEIRO, 2020):

- Bela Vista do Toldo – 15,66%
- Calmon – 18,25%
- Irineópolis – 10,79%
- Lebon Régis – 11,66%

- Monte Carlo – 13,19%
- Monte Castelo – 16,13%
- Santa Cecília – 14,54%
- Timbó Grande – 28,37%

O contraponto:

- Iomerê – 0,99%
- Luzerna – 0,96%
- Lacerdópolis – 0,14%

Não só a pobreza é resultado desse conflito, já que durante os 40 anos de existência, tem-se a estimativa de que a Lumber retirou 15 milhões de araucárias e um número inestimável de imbuías antiquíssimas da região, sem contar as exploradas por outras serrarias e colonos que vieram a residir no local. O conflito envolveu 9 mil soldados do Exército, 80% do seu efetivo à época, e ocasionou a morte de 10 mil e 15 mil pessoas.(CHOMA, 2019)

Carvalho (2010), em tese de doutorado afirma que Bishop mostrou no relatório de 1917, a produção total (em toras) da serraria de Três Barras em cinco anos de funcionamento “mais de 107 milhões de pés cúbicos (252 mil m³), o que significou a devastação de 2.484 alqueires (6.011 ha), rendendo uma média de 41 m³ por ha.452” (p. 271) e que a maior parte da madeira explorada era de araucária.

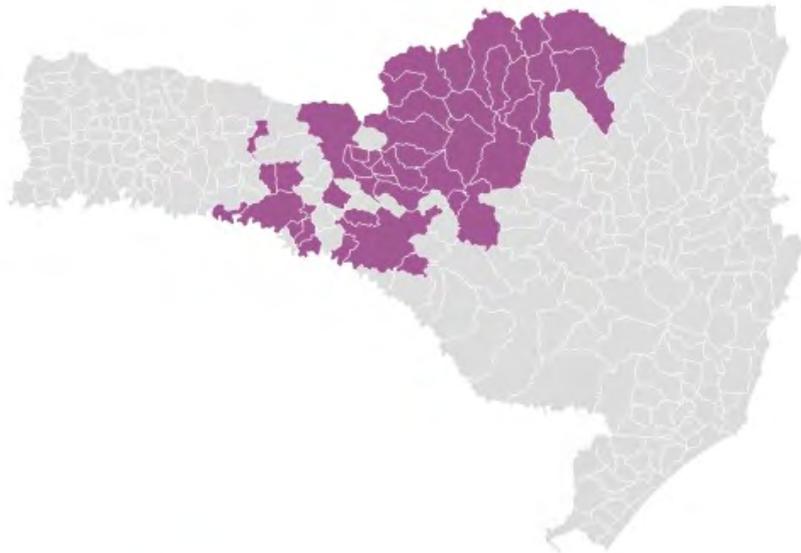
De todo o exposto, é possível entender que o conflito, de certo modo continua, já que os desdobramentos são vistos até hoje, mais de cem anos depois, em índices elevados de pobreza e vulnerabilidade da população, bem como os efeitos ambientais decorrentes de tamanha violência contra a floresta em prol de interesses puramente capitalistas.

Pode-se dizer que a única questão resolvida do conflito, foi o limite territorial entre os dois estados. Ludka (2016) baseando-se em Thomé, explica que em 20 de outubro de 1916, o então governador de Santa Catarina, Felipe Schmidt e o governador do Paraná, Afonso Alves Camargo, estipularam que o Paraná ficaria com 20.310 quilômetros quadrados e Santa Catarina com 27.570 quilômetros quadrados. O lado paranaense cederia Itaiópolis, Papanduva e Canoinhas e ficaram com Palmas e Clevelândia. Já a cidade à margem esquerda do Rio Iguaçu foi dividida entre União da Vitória, que ficou para o Paraná, e Porto União, para Santa Catarina.

Mais recentemente, em 2019, alvo de críticas de diversos pesquisadores, foi criada pela Secretaria de Turismo de Santa Catarina o Vale dos Imigrantes, desmembrando a região do Vale do Contestado, como forma de apagar a história dessa parte

da região, com a presença de negros e caboclos com sua importância negada em benefício da valorização da cultura europeia dos colonos. (ALMEIDA; JUNG, 2020)

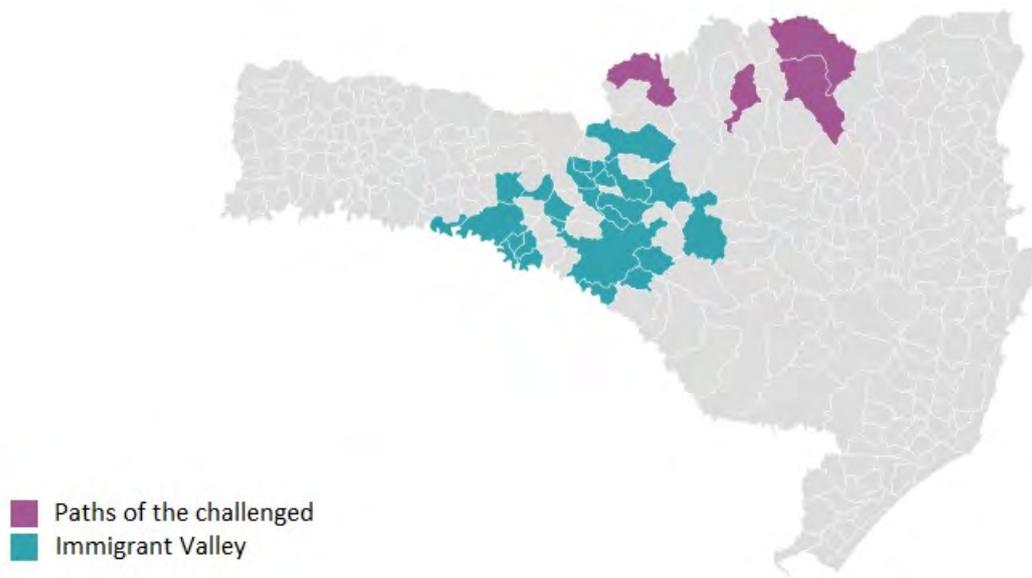
Por outro lado, o argumento a favor seria de que esse desmembramento ajudaria a desenvolver a região, já que cidades como Piratuba, que contam com alta infraestrutura para receber turistas estavam classificadas na mesma região que municípios que não tinham capacidade de receber visitantes. (ALMEIDA; JUNG, 2020)



Source <http://turismo.sc.gov.br/destinos/vale-do-contestado/> · [Descarregar estes dados](#)

FIGURA 5 - Vale do Contestado, antes da mudança.

Fonte: New Immigrant Valley generates criticism from researchers (2020). <https://idents.paginas.ufsc.br/2020/04/01/new-immigrant-valley-generates-criticism-from-researchers/?lang=>



Source: <http://www.mapa.turismo.gov.br/mapa/> • Descarregar estes dados

FIGURA 6 - Vale do Contestado, depois da mudança.

Caminhos do Contestado (roxo) x Vale dos Imigrantes (azul)

Fonte: New Immigrant Valley generates criticism from researchers (2020)

<https://idents.paginas.ufsc.br/2020/04/01/new-immigrant-valley-generates-criticism-from-researchers/?lang=>

Caminhos do Contestado (roxo) x Vale dos Imigrantes (azul)

Fonte: <https://idents.paginas.ufsc.br/2020/04/01/new-immigrant-valley-generates-criticism-from-researchers/?lang=pb>

Resta evidente a falta de políticas públicas e investimentos na região do Contestado, e para quem conhece a região, é evidente a monocultura de reflorestamento, atividade exploratória que demanda pouca mão de obra e não gera desenvolvimento local. Os acessos às cidades que englobam a região, como Matos Costa, Calmon, Timbó Grande, estão em péssimos estados de conservação, somando-se a isso a distância a cidades maiores, dificultando o acesso a inúmeros serviços. O governo estadual tenta apagar a história, bem como dissimular dados locais, colocando essas cidades, apesar da distância, na mesma divisão política de grandes centros como Joinville a fim melhorar dados.

Enquanto isso a população sofre, continua vulnerável e invisível aos olhos da/do capital e das esferas de poder, ignorando todo o potencial de turismo ecológico, agrícola e industrial, que continua em boa parte sufocado pelo extrativismo, acessos precários e falta de infraestrutura para escoamento de produção e acesso de quem queira visitar a região.

6 CONCLUSÃO

Ante o apresentado, é possível mensurar que a Guerra do Contestado foi um conflito extremamente notável, sendo esquecido e de várias formas tenta-se apagá-lo por envolver uma parcela miserável da população da época.

O episódio teve início com um conflito territorial entre Santa Catarina e Paraná e se estendeu como um conflito entre uma população simples, que vivia em harmonia com a natureza e da natureza, contra o sistema capitalista que visava a devastação das matas e o lucro com a venda de terrenos a colonos do Rio Grande do Sul.

O caboclo, em sua forma mais simples, foi vítima de um genocídio simplesmente por lutar para permanecer em terras que desde o início eram suas “de fato”, em uma região que sempre não alçou interesses de investimentos e de repente se tornou alvo de exploração.

As mazelas do conflito perduram até hoje, sendo uma região em sua grande parte, pobre, pouco desenvolvida, a exploração de florestas ainda é a principal atividade econômica, que pouco contribui para a sobrevivência de quem ali reside, em grande parte, descendentes desses caboclos dizimados que até os dias atuais não conseguiram meios de se reerguer socialmente ante a falta de assistencialismo.

Os governos estadual e federal são coniventes, já que pouco investem no local, e ainda, há estratégias em alocar alguns municípios mais pobres com outros mais ricos visando mascarar os dados econômicos da região e causar a famosa impressão de que Santa Catarina é um estado em seu todo rico e desenvolvido, e pouco resolvendo de fato os problemas sociais locais.

Mais recentemente, em uma nova forma de apagar essa parte da história, foi criação do Vale do Imigrantes, englobando boa parte dos municípios que outrora foram envolvidos no conflito, diminuindo sua importância perante a sociedade, de um conflito que envolveu minorias vistas pelos governantes como fanáticos rebeldes.

A única resolução favorável disto tudo, foi a resolução territorial dos limites de cada estado, pois a devastação ambiental e a miserabilidade até hoje seguem sem solução, pois no mesmo período de tempo a Europa enfrentou duas guerras mundiais e se reergueu, o Contestado não, continua com a manifestação do abandono governamental.

O resumo dessa infeliz tragédia insurge em palavras como ganância, exploração, devastação ambiental e a ideia de apagar a história de um grupo que vivia em harmonia com a natureza, utilizava-a adequadamente e sustentavelmente, entendia que a degradação geraria maus retornos no futuro, pois de onde muito se extrai, logo se faz falta. Um povo que resiste e necessita de vozes por meio de indicadores, da

história e de ser conhecido para que faça frente ao desleixo do governo e tenha o real investimento que merece.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Soares de; JUNG, Karen Wesseler. **Novo Vale dos Imigrantes gera críticas dos pesquisadores**. 2020. Disponível em: <https://idents.paginas.ufsc.br/2020/04/01/new-immigrant-valley-generates-criticism-from-researchers/?lang=pb> Acesso em: 14 out. 2021

AMADOR, Milton Cleber Pereira. Guerra do Contestado: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste Catarinense. In: **Cadernos do CEOM**, Ano 22, n. 31 – Espaço de memória: abordagens e práticas. 2009. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewfile/562/384> Acesso em 08 out. 2021

BELTRÃO, Tatiana. **Há 100 anos, o fim da sangrenta Guerra do Contestado**. Agência Senado. 2016. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/07/01/ha-100-anos-o-fim-da-sangrenta-guerra-do-contestado> Acesso em: 15 out 2021

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. **Mapa da Pobreza e da Desigualdade**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/sul-brasil/pesquisa/36/30246?tipo=ranking> Acesso em: 15 out. 2021

CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. **Uma grade empresa em meio à floresta: a história da devastação da floresta com araucária e a Southern Brazil Lumber and Colonization (1870-1970)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93507> Acesso em 13 out. 2021

CHOMA, Jeferson. **Guerra do Contestado (1912 –1916): Camponeses em guerra contra o Exército**. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/guerra-do-contestado-1912-1916-camponeses-em-guerra-contra-o-exercito/> Acesso em 13 out 2021

CORDEIRO, Juciara Ramos. **O Contestado do século XXI: ocultação da pobreza e invisibilidade cabocla**. Dissertação submetida ao Programa de PósGraduação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216617/PGSS0249-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 13 out. 2021

FRAGA, Nilson Cesar. **Guerra do Contestado: causas, interesses e possibilidades de pensar um povo se levantando contra a tirania – uma contribuição aos que iniciam seus estudos sobre o Contestado**. Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores –

CEPAT. Centro Jesuíta de Cidadania e Ação Social – CJ-Cias e Integra a Rede Jesuíta de Cidadania e Ação Social – SJ-Cia. Curitiba/PR, 2015. Disponível em <http://pt.sli-deshare.net/serginhosucesso/guerra-do-contestado-49888532> Acesso em 05 out. 2021

HELLER, Milton Ivan. **A atualidade do contestado**: edição do centenário da guerra camponesa. Curitiba: J.M. Livraria Jurídica e Editora, 2012.

LAZARIN, Katiuscia Maria. **Fanáticos, rebeldes e caboclos**: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do contestado. (1916-2003) Dissertação (Mestrado em História Cultural) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102399/214159.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 05 out. 2021

LIMA, Soeli Regina; TONON, Eloy. Guerra do Contestado e ensino de História: sobre os ataques de sertanejos no município de Canoinhas (1914-1916) **Revista História Hoje**, v. 5, nº 10, p. 180-202 – 2016. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/263/208> Acesso em 07 out. 2021

LUDKA, Vanessa Maria. A região do Contestado, a fome e a pobreza como permanência da guerra. **Revista NEP** (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.2, n.5, p. 1-24, dezembro 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/49559/29647> Acesso em: 14 out. 2021

LUDKA, Vanessa Maria; PEREIRA; Mariana; PEREIRA, Sérgio Augusto. A fome e a pobreza na região do contestado catarinense: uma análise de relatos jornalísticos cem anos após a Guerra do Contestado. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 10 – 21, 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/download/31769/22377>. Acesso em 14 out. 2021

MICHAELIS, **Melhoramentos**. 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=caboclo> Acesso em 05 out. 2021

MACHADO, Cristina Buratto Gross. Rupturas e permanências de uma população tradicional no pós-guerra: o caboclo do Contestado. **Geografia** (Londrina) v. 26. n. 1. p. 158 – 172, jan/jun, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/30070> Acesso em 08 out. 2021

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado**: 1912-1916. 2001. 498p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280234>. Acesso em: 06 out. 2021

MACHADO, Paulo Pinheiro. Rábulas e Bacharéis na Guerra do Contestado: Direito, polícia e conflito social (1912-1916) Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**, Rio de Janeiro, vol. 9, nº.1, janeiro-abril,

2017, p. 3-20. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistapassagens/article/view/45936/26270> Acesso em: 13 out. 2021

MARTINS, Pedro Antonio Batista. **Anjos de cara suja**: etnografia da comunidade caçuza. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/75745>. Acessado em: 13 out. 2021

NOSSA; JÚNIOR. Contestado, a região Nordeste de Santa Catarina. **Estadão**, 2012. Disponível em <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,contestado-a-regiao-nordeste-desanta-catarina,834528> Acesso em: 13 out. 2021

PAGANI, Eliane Barbosa Santos. A Guerra do Contestado e o legado para a região catarinense: pobreza e desigualdade no município de Timbó Grande. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 49 – 62, 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/31803/22380> Acesso em 14 out. 2021

PERA, Alcídio Reis; VIEIRA, Emílio. **Auditoria operacional para avaliar o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) prestado pelo município**. 2017. Disponível em: <https://www.tcsc.tc.br/sites/default/files/Relat%C3%B3rio%20Samu%20Navegantes%20com%20Decis%C3%A3o.docx.pdf> Acesso em: 15 out. 2021.

ROSA, Joseane. **Guerra do Contestado**. 2020. Disponível em: <https://www.educamais-brasil.com.br/enem/historia/guerra-do-contestado> Acesso em 08 out. 2021

SALOMÃO, Eduardo Rizzatti. A guerra do Contestado e seus reflexos para a tomada de decisões no campo militar e das relações internacionais. **Anais do Encontro Internacional e XVIII Encontro de História da Anpuh-Rio: História e Parcerias**. 2018. Disponível em: encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529876606_ARQUIVO_AGuerradoContestado_EduardoRSalomao.pdf Acesso em 06 out. 2021.

SCHÜLLER Sobrinho, Octacílio. **Taipas, origem do homem do Contestado**: o caboclo. Florianópolis SC, Letras Contemporâneas, 2000.

SERPA, Ivan Carlos. **A guerra do Contestado**: genocídio e resistência Xokleng em Taquaruçu: meio oeste Catarinense. 2015. Disponível em: https://issuu.com/ivancarlos-serpaserpa/docs/a_guerra_do_contestado_genoc__dio_e Acesso em 06 out. 2021

SILVA, Natália Ferronato da. As “Virgens Messiânicas”: participação e influência das “Virgens” Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916). **Revista Santa Catarina em História** - Florianópolis - UFSC – Brasil ISSN 1984- 3968, v.1, n.1, 2010. Disponível em: <https://www.nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/331/168> Acesso em: 08 out. 2021

THOMÉ, Nilson. Caminhos de tropeiros nos séculos XVIII e XIX como fatores pioneiros de desbravamento do Contestado. **DRd - Desenvolvimento Regional em debate** Ano 2, n. 1, jul. 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/27080500-Cami>

nhos-de-tropeiros-nos-seculos-xviii-e-xix-como-fatores-pioneiros-de-desbravamen-
to-do-contestado-resumo.html Acesso em: 06 out 2021

WOITOWICZ, Karina Janz. Introdução. In: **Imagem contestada**: a guerra do con-
testado pela escrita do diário da tarde (1912-1916) [online]. Ponta Grossa: Editora
UEPG, 2015, pp. 17-22. Disponível em: [http://books.scielo.org/id/7s6w4/pdf/woi-
towicz-9788577982127-01.pdf](http://books.scielo.org/id/7s6w4/pdf/woi-
towicz-9788577982127-01.pdf) Acesso em:07 out. 2021